

Marta Harnecker
Gabriela Uribe



LUTA DE CLASSES

CADERNOS DE EDUCAÇÃO POPULAR

ALFABETIZADORA



LUTA DE CLASSES

LUTA DE CLASSES

AS CLASSES SOCIAIS NO BRASIL

MARTA HARNECKER
GABRIELA URIBE

Adaptação à realidade brasileira
por um grupo de trabalho

global editora

COPYRIGHT © 1980
GLOBAL EDITORA E DISTRIBUIDORA LTDA.

Tradução e Adaptação
Grupo Aurora
Revisão
Armandina Venâncio
Capa
Carlos Clámen
Diagramação e Composição
Marcos Duarte
Fotolito
Maurício F. Pestana

Publicado por Acordo com
Iniciativas Editoriais — Lisboa

N.º de Catálogo — 1181

Direitos reservados por
global editora e distribuidora ltda.

Rua José Antonio Coelho, 814 - Cep 04011
Fone.: 549-3137 - Caixa Postal 45329 - 01000
Vila Mariana — São Paulo - S.P.

Impresso nas oficinas da Editora Parma Ltda.
Rua da Várzea, 394 — São Paulo

SUMÁRIO

VOLUME I

INTRODUÇÃO

I PARTE: AS CLASSES SOCIAIS.

1. O conceito de classes sociais

Os diferentes sistemas de produção e as relações de produção. Exploradores e explorados e a propriedade dos meios de produção. Antagonismo entre os grupos sociais. Importância do tipo de exploração. As classes sociais fundamentais no sistema capitalista de exploração.

2. O conceito de burguesia ou classe capitalista

O que é o capital. Capital e mais-valia. Diferentes tipos de capital: industrial, bancário e comercial. Repartição da mais-valia. As frações de classe burguesas e a sua evolução. Definição de burguesia ou classe capitalista. Esquema-resumo.

3. O conceito de proletariado

Distinção entre proletariado e classe assalariada. Venda da força de trabalho e mais-valia. Os assalariados que não são proletários.

A função técnico-administrativa na produção e o grupo social que determina. Proletariado produtivo e improdutivo. Os operários industriais — vanguarda do proletariado. Definição de proletariado. Esquema-resumo.

4. Classes de transição — a pequena burguesia

Relações de produção dominantes e relações de produção subordinadas. Os produtores independentes, sua origem histórica e destino no sistema capitalista de produção. Definição de pequena burguesia. Conceito de classe de transição. Esquema-resumo.

5. Crítica da noção de "classe média"; classes e grupos sociais

Crítica do conceito burguês de "classe média". Distinção entre o conceito de classe social e grupo social. Os grupos sociais ligados à superestrutura. Os grupos sociais ligados à função técnico-administrativa na produção. A importância política desta distinção. A luta entre as classes sociais como motor da História.

6. O desenvolvimento do capitalismo origina o crescimento do proletariado

O desenvolvimento do capitalismo conduz à proletarianização crescente das grandes massas. A proletarianização dos camponeses independentes e da pequena burguesia industrial e comercial. A penetração das relações de produção capitalista na esfera comercial: da pequena loja ao supermercado. Da pequena indústria à moderna empresa capitalista. O proletariado é a única classe revolucionária até ao fim.

7. Interesse de classe, consciência de classe e posição de classe

Importância da distinção entre interesses espontâneos imediatos e interesses estratégicos a longo prazo. Consciência de classe. Posição de classe.

RESUMO

QUESTIONÁRIO

BIBLIOGRAFIA

INTRODUÇÃO

Neste volume vamos estudar os conceitos teóricos necessários para depois analisarmos as classes sociais no Brasil.

Também este caderno sofreu alterações na adaptação para o Brasil. Estas alterações são obviamente, da responsabilidade exclusiva dos adaptadores.

Pedimos de novo aos nossos leitores, especialmente aos trabalhadores, que nos façam chegar as suas opiniões, as suas críticas e as suas perguntas escrevendo para:

Cadernos de Educação Popular
Caixa Postal 45.329 — Cep 01000 - São Paulo - S.P.

I PARTE: AS CLASSES SOCIAIS

1. O conceito de classes sociais

Como já vimos de forma detalhada no 1º Caderno desta série, as características que adquirem as diversas sociedades dependem fundamentalmente do modo como nelas se produzem os bens materiais.

Ora, no processo de produção de bens materiais estabelecem-se normas específicas de relação entre os **proprietários dos meios de produção** (1) e os produtores desses bens materiais. Os que são proprietários dos meios de produção **exploram** os que não possuem esses meios.

No **modo de produção escravagista**, por exemplo, o senhor possuía não só a terra e outros meios de produção, como também os homens que trabalhavam a terra, que remavam nos barcos ou serviam nas suas casas. Estes homens eram considerados por ele apenas como instrumentos de trabalho, e, portanto, obrigava-os a trabalhar até esgotarem as suas forças, dando-lhes de comer e permitindo-lhes descansar apenas para poderem recompor a energia gasta durante o trabalho e assim, estarem prontos para trabalhar no dia seguinte.

No **modo de produção feudal**, o senhor feudal, dono

(1) Entendemos por meios de produção todas as condições materiais que são necessárias para produzir bens materiais: máquinas, matérias-primas, edifícios, luz, etc.

de meio de produção mais importante — a terra — concedia pequenas parcelas aos camponeses que, em troca, se viam obrigados a trabalhar de graça a terra do senhor. Assim acontecia durante a maior parte dos dias do ano sem que o camponês recebesse qualquer compensação por esse trabalho, devendo sobreviver à custa dos frutos obtidos na pequena parcela igualmente por ele cultivada.

No modo de produção capitalista, os operários para poderem sobreviver, necessitam de vender a sua força de trabalho aos capitalistas; estes pagam-lhes um determinado salário e obtêm, graças a essa força de trabalho, grandes lucros. Se os operários protestam, o patrão diz-lhe: "De que se queixam? Eu contratei-os por 40 cruzeiros por dia; não é por acaso isso que estou pagando? Eu sou dono desta fábrica, e se não gostam das condições de trabalho, vão procurar trabalho noutro lugar". Mas como os operários sabem que, seja para onde forem, lhes dirão o mesmo, têm que se resignar a trabalhar para que o dono desses meios de produção se enriqueça (2).

Em resumo, em todos os modos de produção que temos analisado, em que os meios de produção estão nas mãos de uns poucos, os proprietários desses meios de produção apropriaram-se do trabalho alheio, isto é, exploram os trabalhadores.

Mas a exploração não existiu sempre. Nos povos primitivos, onde se produz apenas para sobreviver, não existe propriedade privada dos meios de produção: estes pertencem a toda a comunidade e os frutos do trabalho dos seus membros repartem-se por todos igualmente. Estes povos não conheciam relações de exploração, mas sim relações de colaboração recíproca entre todos os membros da sociedade.

(2) No CEP 'n. 2: A Exploração Capitalista, desenvolve-se bastante as causas da exploração capitalista.

A exploração não é, portanto, algo eterno, tem uma origem histórica bem determinada. Aparece quando um grupo de indivíduos da sociedade consegue concentrar nas suas mãos os meios de produção fundamentais (3), despojando desses meios de produção a maior parte da população. Mas ela desaparecerá quando desaparecer a propriedade privada dos meios de produção e estes passarem a ser propriedade coletiva de todo o povo (4).

Estabelecem-se em todo o processo de trabalho, por conseguinte, relações específicas entre os proprietários dos meios de produção e os trabalhadores ou produtores diretos. A estas relações que se estabelecem entre os homens, determinadas pela relação de propriedade que estes têm com os meios de produção, chamaremos relações sociais de produção.

As diferentes relações sociais de produção dão origem a grupos sociais diferentes. Estes grupos são chamados classes sociais.

Lenin define as classes sociais da seguinte forma: "As classes são grandes grupos de homens que se diferenciam entre si pelo lugar que ocupam num sistema de produção social historicamente determinado, pela forma como se relacionam com os meios de produção (forma essa que as leis estabelecem e formulam em grande parte), pelo papel que desempenham na organização social do trabalho e, consequentemente, pelo modo e proporção em que se apropriam da parte da riqueza social de que dispõem. As classes são grupos humanos, um dos quais pode apropriar-se do traba-

(3) Para que isto aconteça é necessário um grau de desenvolvimento econômico que, pelo menos, permita obter um excedente, isto é, mais produtos que os necessários para o consumo imediato que serão apropriados por esse grupo.

(4) As condições materiais para que isto aconteça serão analisadas no CEP n. 6: **Capitalismo e Socialismo.**

lho do outro por ocupar postos diferentes num regime determinado de economia social (5).

Examinemos por partes esta definição:

Temos, em primeiro lugar, que "as classes são grandes grupos de homens que se diferenciam entre si pelo lugar que ocupam num sistema de produção social historicamente determinado". Quer dizer que ao analisar uma determinada sociedade devemos distinguir entre os indivíduos que estão ligados à produção e os que desempenham tarefas na superestrutura (6). São da mesma classe social pessoas que têm um papel semelhante na produção, e que este mesmo papel muda de época histórica para época histórica: nem sempre existiram na História, capitalistas e operários; em épocas anteriores existiram amos e escravos, senhores e servos.

Em segundo lugar, Lenin diz: "Pela maneira como se relacionam com os meios de produção (relações que as leis estabelecem e formulam em grande parte)". Isto significa que o papel que os indivíduos desempenham na produção depende da forma como se relacionam com os meios de produção. São possuidores dos meios de produção? Ou não possuem os meios de produção? Os que detêm a propriedade dos meios de produção exploram os trabalhadores que não detêm a propriedade desses meios de produção.

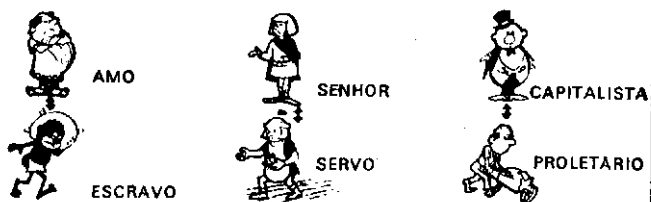
Estas relações que se estabelecem na prática econômica tendem a ser confirmadas através do sistema jurídico da sociedade, o que contribui para assegurar a sua contínua reprodução.

Mas estas relações de produção existem independentemente das leis. Pode mesmo acontecer que a lei esconda

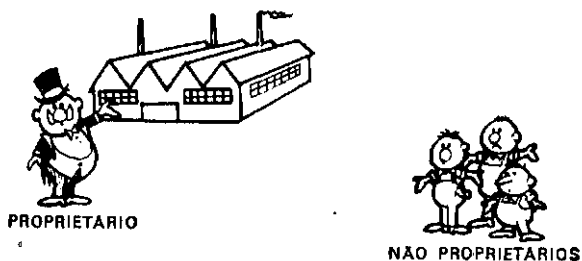
(5) Lenin, *Uma grande Iniciativa*, em Marx, Engels, *Marxismo*, Editorial Progresso, Moscou, pág. 479.

(6) Recordar o que sobre isto dissemos no CEP n. 1.

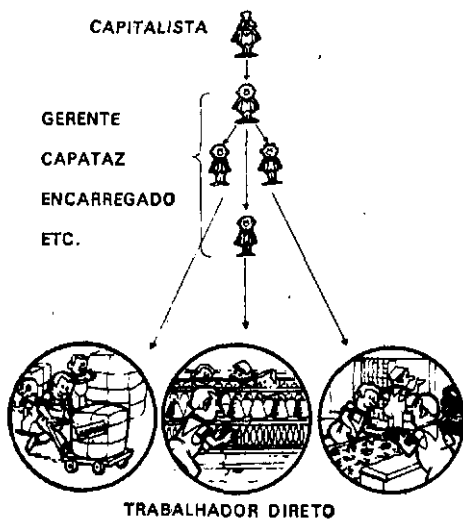
1º



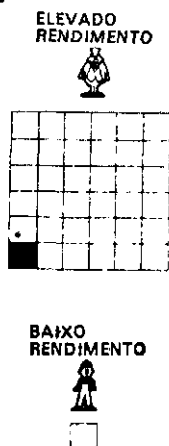
2º



3º



4º



relações reais diferentes do que nela se lê. É o que se passa nas sociedades capitalistas em relação aos meios de produção que, segundo a linguagem jurídica, são "propriedade do Estado", mas que na realidade pertencem à classe capitalista, são propriedade coletiva da classe capitalista.

Em terceiro lugar, Lenin diz: "Pelo papel que desempenham na organização social do trabalho". Quer dizer, esses grupos definem-se como tais não só pela propriedade ou não dos meios de produção, mas pelas formas de "controle" que exercem sobre o processo produtivo. Por exemplo: os capitalistas não são só os proprietários dos meios de produção, ou seja, das fábricas, como também são eles que dirigem e administram essas mesmas fábricas; por outro lado os operários não possuem qualquer controle sobre o seu funcionamento: realizam apenas um trabalho parcial sob as ordens do encarregado ou do administrador (7).

Em quarto lugar, Lenin diz: "E consequentemente, pelo modo de produção como recebem a riqueza social de que dispõem". Produzem mais-valia? Ou consomem mais-valia? Por outro lado isto significa que o nível de rendimentos é uma das formas pelas quais se diferencia um grupo do outro, dependendo esse nível do lugar que os indivíduos ocupam na produção.

Assim a conclusão a que chega Lenin na sua definição sintetiza bem o que denominaremos de classes sociais:

AS CLASSES SOCIAIS são grupos humanos,

(7) As relações de propriedade determinam formas de controle, que por sua vez dependem do grau de complexidade alcançado pelo processo de trabalho. Por exemplo, no capitalismo, o grau de complexidade do processo de trabalho é tal, que o capitalismo ou os seus representantes (capatazes, administradores, etc.) assumem a direção total do processo de trabalho. No modo de produção feudal, por ser menos complexo, é o servo que controla o trabalho que realiza na parcela de terreno que lhe foi concedida e trabalha sob a vigilância do capataz apenas no terreno que cultiva para o senhor.

um dos quais pode apropriar-se do trabalho do outro por ocupar postos diferentes num regime determinado de economia social.

Esta definição leva-nos a caracterizar as classes como **grupos da sociedade que possuem contradições entre si**, visto que as relações que entre eles se estabelecem são entre explorador e explorado (um apropria-se do trabalho realizado pelo outro).

Ora, esta definição que se baseia nas relações entre os indivíduos e os meios de produção fundamentais, é bem diferente da que é adotada pela burguesia.

Segundo ela, existem três classes sociais: a alta, a média e a classe inferior. Quer dizer, a burguesia define as classes em função dos bens materiais com que contam cada um dos grupos, e que depende em grande parte dos seus rendimentos.

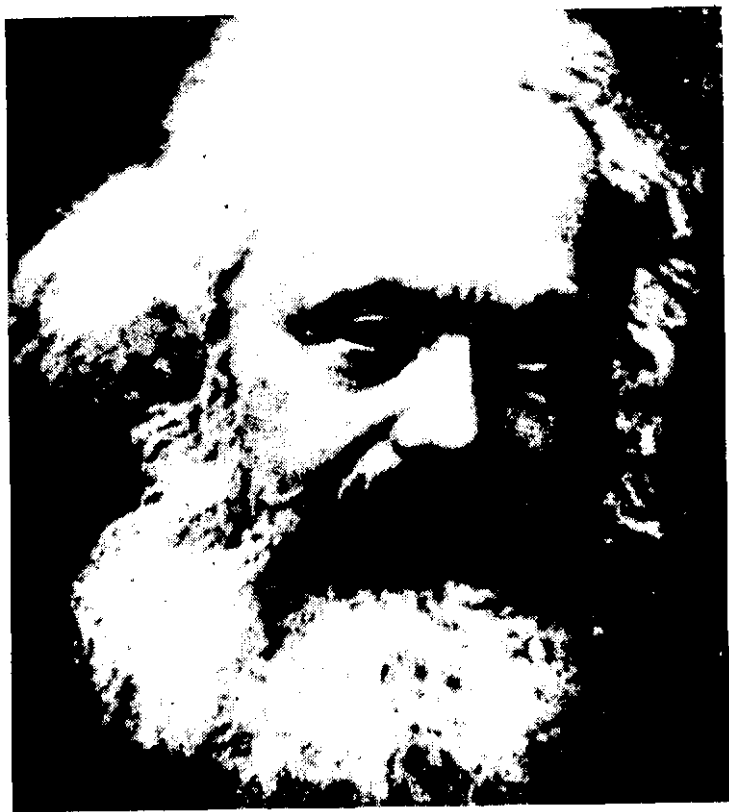
Esta é uma definição descritiva que se limita a evidenciar que existem indivíduos mais ricos que outros e que mete no mesmo saco pessoas que têm funções e interesses muito diferentes na sociedade: dentro da classe média caberia assim desde o operário que recebe salários mais elevados até ao pequeno industrial que por vezes ganha menos que o operário especializado, embora se aproprie do trabalho de outros operários. Também se incluiria aqui um sector das forças armadas, professores, profissões liberais, empregados de escritório, etc.

O que esta definição não explica é a razão pela qual **uns possuem mais dinheiro do que os outros.**

Qual é a resposta que a ideologia burguesa dá a esta questão?

Os pobres são pobres porque "são pouco inteligentes", porque "têm vícios", porque não se esforçam "por serem melhores", porque são ignorantes", etc.

O grande mérito de Marx é ter demonstrado que a desigualdade social não depende de se ser mais ou menos do-



tado, mas sim e fundamentalmente do tipo de relação que os indivíduos têm com os meios de produção.

Como já vimos, são os proprietários dos meios de produção que se apropriam da maior parte das riquezas que se produzem, recebendo os trabalhadores, em troca apenas uma parte muito insignificante dessas riquezas.

A forma como se reparte o rendimento num país depende sobretudo da forma como os diversos grupos se relacionam com a produção. Os proprietários das terras e os capitalistas recebem a parcela maior do rendimento, porque são os donos dos principais meios de produção.

Estas relações de produção originam interesses sociais antagônicos. Isto traduz-se numa luta constante entre operários e patrões, senhores e servos, amos e escravos. O grupo dominante luta por reproduzir constantemente as condições materiais e sociais que lhe permita continuar a explorar os trabalhadores, que não possuem meios de produção. O grupo dominado luta por destruir as condições da sua exploração. Esta luta dá-se, como veremos mais adiante, a níveis distintos da sociedade.

Partindo das relações de produção já analisadas, podemos distinguir as seguintes classes sociais com interesses antagônicos:

amos — escravos
senhores — servos
capitalistas — operários

É importante salientar que para estudar as classes sociais num determinado país não podemos limitar-nos a usar os conceitos de **exploradores e explorados**. São conceitos demasiado gerais que podem aplicar-se a diferentes formas de produção de bens materiais.

São, por exemplo, **exploradores** o amo, o senhor latifundiário e o capitalista. São **explorados** o escravo, o servo

e o operário. No entanto o caráter de exploração é muito diferente de caso para caso.

Por que é mais importante definir esse caráter?

Porque dele dependerá o tipo de reivindicação revolucionária feita pelas classes oprimidas. A reivindicação do camponês servo é muito diferente da do proletário agrícola ou industrial. O primeiro tende a lutar por conseguir um pedaço de terra para si; o segundo tende a lutar pela destruição de toda a propriedade privada dos meios de produção.

Ora, como o Brasil é um país capitalista dependente, onde predominam as relações de produção capitalistas, trataremos de definir em primeiro lugar as duas classes antagônicas fundamentais da sociedade capitalista: a burguesia e o proletariado.

2. O conceito de burguesia ou classe capitalista

Chama-se burguesia ou classe capitalista à classe exploradora do modo de produção capitalista.

De onde provém o nome de classe capitalista?

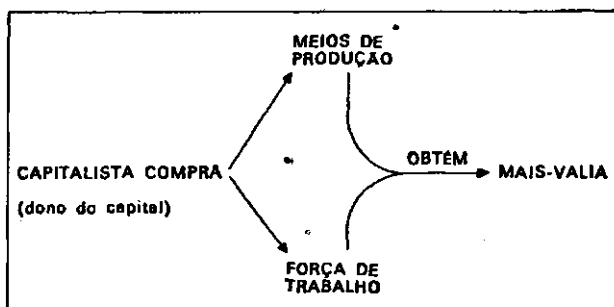
Chama-se capitalista porque ela é dona do capital.

E o que é o capital?

Em primeiro lugar é necessário salientar que capital não é o mesmo que dinheiro. Um avaro que guarda o seu dinheiro debaixo do colchão e a única coisa que faz é mantê-lo guardado, não é um capitalista.

Só se chama capital ao dinheiro que se emprega na compra de meios de produção e de força de trabalho para obter, mediante a sua utilização, uma quantidade de dinheiro maior do que a que foi investida, quer dizer, para obter mais-valia ⁽⁸⁾.

(8) Ver CEP n. 2: **Exploração Capitalista**. Esta mais-valia corresponde ao trabalho realizado pelo operário além do tempo necessário para produzir o valor equivalente ao seu salário.



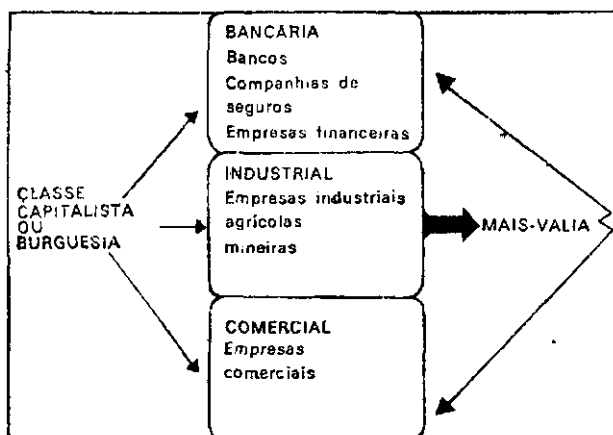
No entanto, nem toda a máquina pode ser considerada capital. A máquina de coser que uma mãe possui para fazer roupa para vestir a família não pode ser chamada capital. Muito menos se pode chamar capital ao dinheiro que se investe na compra da força de trabalho para realizar os trabalhos domésticos. Nesses casos nem a força de trabalho nem a máquina produzem lucros, quer dizer mais-valia; ambas são utilizadas para a execução de determinados serviços.

Pois bem, até aqui, para facilitar a compreensão, partimos da suposição que o mesmo capitalista que possuía dinheiro comprava os meios de produção e força de trabalho e vendia os produtos resultantes do processo de produção, recuperando assim o capital gasto mais o lucro ou mais-valia obtido, que é o estímulo que o leva a investir.

No entanto, para se perceber o que se passa na realidade, é necessário fazer novas distinções. Por exemplo, o capitalista que quer instalar uma fábrica nem sempre tem dinheiro suficiente. Então o que vai fazer? Pede-o emprestado a um banco, onde outros capitalistas tinham depositado dinheiro. Com esse dinheiro vai instalar a fábrica e fazê-la produzir. Mas irá ele mesmo vender os produtos assim obtidos? Em geral, não, porque precisa recuperar rapidamente o dinheiro para poder continuar a produzir. Se, para recuperar o dinheiro gasto, tivesse de esperar até ven-

der os seus produtos, teria de paralizar a fábrica durante algum tempo, o que o prejudicaria. Que vai então fazer? Vender os produtos a outros capitalistas para estes os venderem por sua vez aos consumidores.

Temos assim três tipos de capitalistas: os capitalistas donos do dinheiro ou **capitalistas banqueiros**, os **capitalistas industriais** ou donos de fábricas e os **capitalistas comerciais** ou donos de armazéns e lojas de distribuição. Repartem em três a mais-valia obtida no processo de produção propriamente dito.



Por que é que o capitalista industrial cede uma parte da mais-valia que suga aos seus operários aos seus outros dois irmãos de classe? Por ser boa pessoa e querer ajudar os seus amigos?

Não, ele apenas a reparte porque o sistema o obriga a precisar dos dois outros capitalistas para ganhar mais. O que ele perde ao repartir a mais-valia recupera-o sobejamente pelo fato de poder reiniciar mais rapidamente o processo de produção. O capitalista industrial é o que extrai e se apropria da mais-valia, mas para poder desfrutar dela

precisa da cooperação dos capitalistas bancários e comerciais. Marx disse que estes dois últimos capitalistas “realizam” a mais-valia, quer dizer que a tornam concretamente possível. O capitalista industrial não tem vantagem nenhuma em ter o produto em que está materializado trabalho não pago ou mais-valia, sem o conseguir vender, para desta forma pôder recuperar o capital inicial mais o dinheiro adicional que depois a seguir transforma em capital (9).

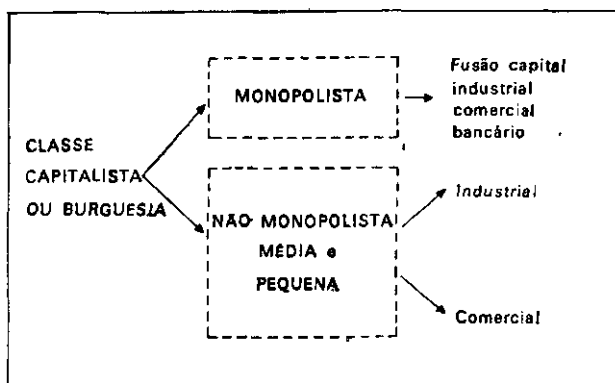
Marx chamou **frações de classe** a estas divisões internas dentro da classe capitalista ou burguesia. Esta classe divide-se em: burguesia bancária, burguesia comercial e burguesia industrial.

Entre estas distintas frações da classe burguesa podem existir contradições, embora tenham um carácter secundário em relação à contradição principal que é de toda a classe capitalista contra o proletariado.

É importante assinalar que a partição da burguesia nestas frações se dá essencialmente na época do capitalismo de livre concorrência. Mais tarde, a concentração capitalista conduz a uma fusão dos capitais industrial, comercial e bancário. Esta é a época do capitalismo monopolista, em que os três tipos de capital se concentram nas mesmas mãos. Surgem então contradições secundárias no seio da classe capitalista, agora entre a burguesia monopolista e o resto da burguesia: a burguesia não monopolista — a média e a pequena burguesia — que sofrem de maneira diferente a dominação monopolista (10).

(9) O capitalista industrial paga sob a forma de juro o “favor” que lhe faz o capitalista bancário. O capitalista comercial recebe uma parte da mais-valia ao comprar ao capitalista industrial os produtos a um preço mais baixo do que vai a seguir vender no mercado. Esta repartição não depende da vontade do capitalista industrial: é uma necessidade do sistema.

(10) Ver CEP n. 3: **Monopólios e Miséria**.



Por último, é importante salientar que a classe capitalista, utilizando mecanismos industriais, comerciais e financeiros, controla e dirige todo o processo de produção capitalista (11).

Chamaremos BURGUESIA OU CLASSE CAPITALISTA à classe que controla e dirige o sistema de produção capitalista. Com dinheiro acumulado compra meios de produção e força de trabalho a fim de obter uma quantidade de dinheiro maior do que a que investiu ao iniciar este processo, dinheiro esse que obtém a partir do trabalho não pago dos trabalhadores do setor industrial.

3. O conceito de proletariado

O proletariado é o oposto da burguesia.

O proletariado é a classe explorada do modo de produção capitalista.

(11) No caso de um país capitalista dependente, este controle e direção é exercido fundamentalmente a partir do país imperialista. Ver CEP n. 5: Imperialismo e Dependência.

Muitas vezes confunde-se o proletariado com os assalariados. Mas poderemos definir como proletariado todos os que, por não possuírem meios de produção, são obrigados a vender a sua força de trabalho em troca de um salário para poder subsistir? A resposta é negativa, pois **nem todos os assalariados são proletários**. Quais os assalariados que não incluímos no proletariado? Usemos a definição de Lenin:

Não são proletariado:

- 1º o numeroso grupo dos assalariados que não estão diretamente ligados à produção social, mas sim ao que denominaremos genericamente por superestrutura. Trata-se de assalariados muito diversos, desde os poetas aos funcionários públicos, passando pelos padres e pelos militares, etc.
- 2º É preciso distinguir os assalariados cuja força de trabalho é comprada para produzir mais-valia, daqueles que se destinam à prestação de serviços pessoais (ex.: empregadas domésticas) ou coletivos.

Deste modo estamos a limitar o conceito de proletariado só àquelas pessoas que estão ligadas diretamente ao processo de produção capitalista ⁽¹²⁾. Isto é, àquelas pessoas que estão diretamente ligadas ao processo de produção (operários) e de circulação (parte dos empregados do comércio e de banco), ou seja, àquelas pessoas que, ao ven-

(12) Chama-se processo de produção capitalista à unidade do processo de produção de bens materiais ou produção propriamente dita e do processo de circulação. Ver Marx, livro III, vol. I — Editions Sociales, pág. 47 e seguintes.

derem a sua força de trabalho, possibilitam aos capitalistas a obtenção (produção e realização) da mais-valia.

Mas poderemos considerar proletariado qualquer pessoa que vende a sua força de trabalho por um salário dentro do processo de circulação ou de distribuição dos bens materiais? Se assim fosse, teríamos de considerar como proletariado, por exemplo, os gerentes, os chefes das indústrias, das empresas comerciais e dos bancos...

Vejamos que funções desempenham nas empresas modernas.

Nas empresas modernas, onde existe uma grande especialização de trabalho, torna-se necessária a presença de um grupo de pessoas que tem por função principal coordenar os diversos trabalhos especializados e dirigir o andamento global da empresa. Este trabalho de **coordenação e controle** vai desde as seções, departamentos ou unidades produtivas da empresa até aos mais altos níveis. O cargo mais elevado é desempenhado pelo administrador ou gerente da empresa; os outros níveis são ocupados por uma série de quadros médios, técnicos, capatazes, etc.

Estes assalariados, que controlam e coordenam o trabalho aos diversos níveis da empresa, cumprem uma **função técnica** necessária ao seu bom andamento, da mesma maneira que o diretor de uma orquestra é necessário para coordenar a intervenção dos diferentes músicos que a constituem.

No entanto, não cumprem apenas uma função técnica, mas têm também, no sistema capitalista, uma **função de exploração** em representação do capitalista. Nas pequenas empresas são os próprios capitalistas que controlam e dirigem a produção; mas, à medida que as empresas crescem, vão-se fazendo substituir por uma espécie determinada de assalariados. Assim como acontece no exército, o exército dos operários sob as ordens do capitalista põe a funcionar toda uma série de "comandantes" (diretores, gerentes, etc.) e "oficiais" (encarregados, inspetores, capatazes),

que durante o processo de produção fazem chegar aos operários as ordens dos capitalistas.

Estes assalariados são, portanto, intermediários entre os operários e os capitalistas e representam os interesses do capital junto aos operários. Ao mesmo tempo que cumprem uma função de organização do processo de produção, servem de correia de transmissão da exploração capitalista. Isto é de tal forma evidente para os operários que, muitas vezes, sentem mais ódio contra eles, que vigiam o dia inteiro o seu trabalho, que contra o patrão que raramente aparece na fábrica.

Este grupo de assalariados que não detêm os meios de produção e vendem a sua força de trabalho em troca de um salário, têm um caráter contraditório. Por um lado, o seu trabalho é tecnicamente necessário para fazer os operários produzirem mais-valia, mas, por outro, o seu trabalho está destinado a intensificar a exploração dos trabalhadores que a eles estão subordinados, prestando assim um serviço direto ao capitalista.

Este setor de administradores, técnicos, encarregados, etc., não deve ser confundido com os profissionais técnicos que trabalham na fábrica vendendo a sua força de trabalho por um salário e cumprindo tarefas de execução limitada, quer dizer, tarefas parciais que nada têm a ver com funções de administração e "controle". Este "proletariado intelectual", como alguns lhes chamam, tende a aumentar à medida que se desenvolve o sistema capitalista, visto que este desenvolvimento implica uma especialização cada vez maior de mão-de-obra. Atualmente muitos operários especializados vêm de escolas técnicas e executam nas empresas mais modernas trabalhos semelhantes aos dos engenheiros, químicos, etc.

Os administradores e encarregados, etc., não constituem, portanto, uma classe social, são um grupo intermediário entre as classes antagônicas que surgem das relações

de produção capitalista: o proletariado e a burguesia (13).

Chegamos assim ao conceito de proletariado que compreende o conjunto das pessoas que ao vender a sua força de trabalho produzem ou realizam mais-valia para quem a compra. Consideramos, portanto, não só os operários da indústria como os "empregados" da esfera da circulação (comércio e banco). Mas entre eles há uma distinção importante a fazer. É que enquanto os operários da indústria, os assalariados rurais, etc., são diretamente produtivos, os empregados do comércio e do banco não o são. Esta distinção é muito importante, porque permite delimitar com rigor qual é a classe e a fração de classe capaz de realizar e dirigir a revolução socialista: o proletariado produtivo, o proletariado industrial, próprio de um capitalismo avançado, que, devido à sua situação na produção é a força do proletariado mais preparada para dirigir a revolução socialista, é a vanguarda do proletariado.

Chamaremos PROLETARIADO à classe explorada do modo de produção capitalista, formada pelos trabalhadores ligados à produção de bens materiais, que vendem a sua força de trabalho por um salário para produzir ou realizar mais-valia, desempenhando um trabalho parcial (14), subordinado às ordens dos seus superiores, que são os que, a diferentes níveis, controlam o processo.

(13) Estas considerações são muito importantes para podermos perceber o que se passa com este grupo social quando desaparece o patrão (capitalista privado), por exemplo num processo de transição para o socialismo. Por isso retomaremos o assunto nos CEP ns. 6 e 7.

(14) É neste sentido que se deve compreender o texto em que Marx afirma que o proletariado é a classe que está totalmente "separada" de qualquer meio de produção. Separada enquanto não proprietária e separada na medida em que não controla a sua utilização.

4. Classes de transição — a pequena burguesia

Até aqui temos estudado as grandes classes da sociedade capitalista: o proletariado e a burguesia. Elas surgem das relações de produção capitalista, que são as relações de produção dominantes numa sociedade deste tipo. Junto a estas relações de produção dominantes, coexistem em toda a sociedade historicamente determinada outras relações de produção que a elas estão subordinadas. Provêm, por um lado, de formas de produção anteriores às formas capitalistas atualmente dominantes. Estas relações de produção escravista, servis ou de comunismo primitivo, podem subsistir durante muito tempo junto às relações capitalistas. É este o caso de algumas comunidades indígenas em certas zonas da América Latina, e também o caso das relações escravistas que existiram no sul dos Estados Unidos da América, enquanto no norte se desenvolvia a indústria capitalista. Mas, à medida que se consolidavam as relações dominantes, as relações pré-capitalistas subordinadas têm de se resolver, de se transformar por sua vez em relações de produção capitalistas. Ora, da dissolução destas relações surge uma relação de produção específica: aquela que é representada pelos pequenos produtores independentes que vendem os seus produtos no mercado capitalista.

Ao dizermos que são pequenos produtores independentes, estamos a afirmar que são trabalhadores donos dos seus meios de produção, que não exploram trabalho alheio. Eles vivem do seu próprio trabalho e do da sua família, cujo produto geralmente apenas lhes chega para subsistirem (15).

É o caso do camponês que possui um pedaço de terra que cultiva com a ajuda da sua família, ou da costureira

(15) Se chegam a comprar força de trabalho fazem-no em quantidades muito reduzidas: uma ou duas pessoas que os ajudam no seu trabalho, mas que não produzem mais-valia.



que faz vestidos em casa, ou do artesão tradicional que trabalha na sua própria oficina. Sucede que estes pequenos produtores têm de vender os seus produtos no mercado, concorrendo com os grandes capitalistas que conseguem produzir mais barato. As leis da concorrência capitalista tendem a fazê-los desaparecer, transformando a maioria em proletariado. Somente uma pequena parte consegue, devido a condições muito especiais, transformar-se em capitalistas.

Por tudo o que foi dito anteriormente, justifica-se considerar este grupo como uma classe social diferente do proletariado e da burguesia na sociedade capitalista.

Chamaremos PEQUENA BURGUESIA à classe social formada por pequenos produtores independentes que vendem os seus produtos no mercado.

Distinguimos uma pequena burguesia dedicada à produção: artesãos, pequenos proprietários agrícolas (16) e uma pequena burguesia ligada ao comércio: pequenos comerciantes, ambulantes, vendedores de jornais, serviço, etc.

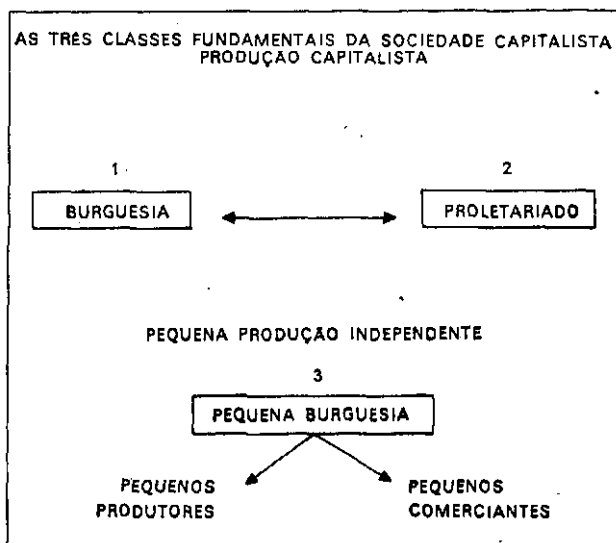
Não podemos chamar pequena burguesia a todo o pequeno produtor independente. Existem pequenos produtores, como é o caso de alguns camponeses que produzem por conta própria todos os bens necessários à sua subsistência e que, portanto, não necessitam vender os seus produtos no mercado. Trata-se, nesse caso, de pequenos produtores que podem manter-se dentro desta economia de

(16) Referimo-nos aos camponeses médios que não devemos confundir com os camponeses pobres que, trabalhando uma terra sua ou arrendada durante uma parte do ano, têm, no entanto, durante os outros meses de vender a sua força de trabalho a um patrão na agricultura ou na indústria. Dada a importância numérica e política que têm no nosso país, falaremos mais aprofundadamente deles na III parte deste Caderno.

auto-subsistência durante muitos anos já que, por não se integrarem no sistema de mercado capitalista, não se produz a sua dissolução.

Pelo contrário, a pequena burguesia, por ser uma classe formada por pequenos produtores e comerciantes independentes ligados ao mercado capitalista é uma classe em transição: uma classe que tende a desaparecer, decompondo-se em proletariado e burguesia. É uma classe que possui, por esta razão, interesses contraditórios: por um lado, aspira a enriquecer e a adquirir capital, o que lhe permitiria converter-se em burguesia ou classe capitalista; por outro, vê-se cada vez mais oprimida e dominada pela classe capitalista que a leva a converter-se em proletariado e, portanto, a identificar-se com os interesses desta classe.

A pequena burguesia aparece assim, devido à ambiguidade dos seus interesses, como classe intermediária entre a classe capitalista e a classe proletária.



5. Crítica da noção de "classe média"; classes e grupos sociais

Até aqui falamos das duas classes fundamentais da sociedade capitalista e de uma classe de transição — a pequena burguesia. Mas na nossa sociedade existem muitas pessoas que não incluímos em nenhuma destas classes. Como os devemos classificar? Constituem outras classes? É preciso termos idéias claras sobre isto para nos defendermos das tentativas da ideologia burguesa que, para minorar a importância fundamental do antagonismo existente entre o proletariado e a burguesia procura atenuar as contradições entre as classes. É exemplo disto o conceito de "classe média".

Sob esta expressão são frequentemente incluídos grupos que não têm relações profundas entre si, já que pertencem a classes e grupos sociais diferentes. Sob esta designação agrupam-se em geral: os pequenos produtores e comerciantes do campo e das cidades; os "empregados" dos bancos e do comércio; os pequenos e médios industriais; as profissões liberais, professores, jornalistas; os técnicos administradores, etc.. Confundem-se assim três classes sociais diferentes: a pequena burguesia (urbana e rural), o proletariado (da esfera de circulação) e a burguesia (capitalistas médios e pequenos) a que se juntam diferentes grupos sociais ligados tanto à superestrutura como à infraestrutura.

Esta noção, ao juntar grupos tão heterogêneos, não nos serve para fazer uma análise correta da maneira como os indivíduos agrupados nesta categoria podem reagir num determinado processo político e, como tal, deve ser rejeitada.

Põe-se-nos agora outra questão: a que classe pertencem os jornalistas, os professores, os técnicos, as profissões liberais?

Nem todos os grupos que existem numa sociedade

são classes sociais. Só o são aqueles que estão diretamente ligados com o processo de produção de uma sociedade.

Sendo a atividade econômica a fundamental, não é, no entanto, a única atividade dentro da sociedade. Já vimos (17) que a sociedade, além do nível econômico ou infraestrutura, é constituída por outro nível que assenta sobre o econômico, mas que tem o seu caráter próprio: a superestrutura. Este nível é formado pela esfera jurídico-política (Estado, Direito, etc.) e pela esfera ideológica (conjunto de idéias e comportamentos sociais).

Pois bem, da mesma maneira que o nível econômico funciona através de grupos da sociedade ligados à produção, a superestrutura funciona através de grupos da sociedade ligados aos organismos do Estado, os organismos transmissores de ideologia, etc.. Esses grupos são os funcionários do Estado, ou burocracia estatal, forças armadas e policiais, juízes, professores, médicos, enfermeiros, pessoal da previdência, etc.

Por estarem ligados a atividades da superestrutura, estes grupos sociais não formam classes sociais. Também existe um conjunto de pessoas que, estando ligadas à produção, não constituem igualmente uma classe social, pois desempenham o papel de intermediários entre as duas classes antagonicas, como de resto já analisamos.

De tudo o que foi dito até aqui, podemos concluir, então, que em toda a sociedade existem classes sociais e grupos sociais.

As classes sociais são grupos da sociedade diretamente ligados à produção de bens materiais que, pelo papel que desempenham neste processo têm interesses sociais contraditórios (18).

Ao contrário, os grupos sociais são constituídos:

(17) CEP n. 1.

(18) Não consideramos na definição as classes de transição pelo seu caráter transitório e pouco definido na sociedade.

a) pelos grupos sociais que não estão diretamente ligados à produção de bens materiais embora estejam a serviço de instituições da superestrutura (burocracia estatal, forças armadas, professores, etc.), ou da infraestrutura (cabeleireiros, lavanderias, empregadas domésticas);

b) pelos indivíduos que, estando ligados à produção de bens materiais, ocupam um lugar intermediário entre as duas classes antagônicas (administradores, supervisores, etc.).

Por que é importante fazer a distinção entre classes sociais e grupos sociais?

Esta definição, que foi feita pela primeira vez por Marx, não foi por acaso. Pelo contrário, é uma distinção fundamental da sua teoria revolucionária.

Se a maneira como os homens produzem os bens materiais constitui o núcleo em torno do qual se organiza toda a sociedade, as transformações dessa sociedade devem consistir em mudanças dessas formas de produção. E por consequência, aqueles que dirigem essas transformações deverão ser aqueles grupos que, pelo seu papel na produção, têm **determinados projetos de sociedade a propor.**

O capitalismo tem um projeto de sociedade a propor. Também o proletariado. Mas **que projeto de sociedade pode oferecer um empregado da burocracia estatal ou um intelectual, ou um gerente, que não seja o do capitalista ou o do operário?**

É entre as classes sociais que se trava a luta (19).

(19) Os diversos grupos sociais não se encontram evidentemente "acima" das classes e das lutas entre elas. Pelo contrário eles tomam posição por uma ou por outra das classes antagônicas, assumindo em muitos casos mesmo um papel ativo. É o caso dos intelectuais que são em geral politicamente muito ativos, na maioria dos casos a serviço da burguesia, mas noutros a serviço do proletariado. Da posição de classe falaremos mais adiante.

A classe exploradora luta por manter a sua posição de domínio e exploração. A classe dominada luta por libertar-se desta exploração. A primeira luta para manter as relações de produção e as relações superestruturais (poder político e ideológico), que a definem como classe dominante. A segunda luta para tomar o poder, destruir o estado burguês e criar novas relações de produção que permitam terminar com a sua situação de classe explorada. Esta é a razão pela qual Marx afirma que a luta entre as classes sociais é o motor da História.

6. O desenvolvimento do capitalismo origina o crescimento do proletariado

A teoria da "classe média" e outras teorias semelhantes têm como objetivo mostrar que o proletariado não está em crescimento, que já não é a classe motora da revolução, etc.

Mas a história desmente as teorias burguesas que procuram minorar a importância do proletariado. Com efeito o proletariado é uma classe que cresce paralelamente com o desenvolvimento do capitalismo. **O desenvolvimento do capitalismo conduz à proletarização crescente das grandes massas e não o contrário.** Esta proletarização faz-se de várias maneiras.

Nos campos, principalmente na década de 60, foi grande o número de camponeses que trabalhavam a terra com os seus próprios braços e que teve de passar a vender a sua força de trabalho. O avanço das relações de produção capitalistas, a sua integração no mercado capitalista, de que é um aspecto a constante subida de preços dos produtos de que necessitam e a quase estagnação dos preços das suas produções, levaram amplas massas de camponeses à ruína. Uns foram pura e simplesmente levados a abandonar o campo para ir trabalhar nas cidades, outros mantêm ainda a sua pequena parcela de terra onde trabalham depois de

virem da fábrica, constituindo uma numerosa camada de semiproletários. O mesmo se passa com a pequena produção industrial, e o pequeno comércio que não conseguiu sobreviver à grande produção e ao grande comércio capitalista. Muitos são os produtores independentes e pequenos patrões que não conseguem sobreviver à concorrência e fecham a oficina, indo engrossar as fileiras do proletariado. Numerosos têm também sido os pequenos lojistas vítimas da expansão do grande comércio capitalista, principalmente dos supermercados.

Vemos assim que numerosos produtores independentes e pequenos patrões (20) se vêem destituídos dos meios de produção, sendo obrigados a vender a sua força de trabalho aos capitalistas (nacionais ou estrangeiros).

Não só são destituídos dos meios de produção e dos frutos do seu trabalho, como do "controle" e direção do seu trabalho.

Enquanto pequenos produtores independentes, eles eram donos dos meios de produção e controlavam o seu processo de trabalho. Por exemplo, a costureira é dona dos seus meios de produção e decide da maneira como fazer o vestido e o desenho, como cortar o tecido, coser as diversas partes, etc., em suma, fazer o seu produto do princípio ao fim, à hora que quiser, da maneira como quer. Se a nossa costureira se viu destituída dos meios de produção e foi obrigada a ir vender a sua força de trabalho a um capitalista dono de uma fábrica de confecções, ela agora executa um trabalho parcelar, faz só um número reduzido de tarefas (por ex.: corta o tecido segundo um desenho e me-

(20) A proletarização não se alimenta só da destituição do sistema da pequena produção mercantil; ela penetra mesmo no seio da família tradicional, principalmente nos países capitalistas imperialistas em que cada vez é maior o número de mulheres que trabalham fora de casa. Embora mais lenta esta tendência também se verifica no nosso país, propiciando aos capitalistas uma mão de obra mais barata, com menos experiência de luta, embora esta característica tenda a desaparecer rapidamente dadas as importantes e numerosas lutas que as operárias têm travado (por exemplo, as metalúrgicas).

didadas que lhe são indicadas), enquanto que as outras companheiras da fábrica fazem outras tarefas executivas parcelares. O "controle" de todo o processo passa a ser feito pelo patrão e seus representantes que decidem o que se produz, que planificam a produção, que marcam os ritmos, que vigiam o trabalho, aplicam sanções, etc.

Mas este amplo movimento de proletarianização não atinge só aqueles que não eram e passaram a ser assalariados. Atinge os próprios assalariados, nomeadamente os assalariados do comércio, os operários da indústria e parte dos técnicos ligados à produção. Vejamos.

Comparemos um empregado de uma mercearia tradicional que faz de tudo um pouco (pesar o produto, embalar, registrar, etc.) com o empregado de um supermercado moderno, com uma tarefa bem especificada e repetitiva. Ambos vendem a força de trabalho a um capitalista, tanto um como outro não produzem diretamente mais-valia, contribuindo, no entanto para a sua realização. Tendo estes aspectos em comum, há uma diferença entre eles que se deve à penetração do capitalismo na esfera do comércio e que confirma o que Marx já analisava em *O CAPITAL* (21).

Processo idêntico explica a diferença que há entre um operário de uma empresa moderna como a Volkswagen e um serralheiro de uma pequena oficina mecânica. O primeiro pode mesmo ter um ordenado maior do que o segundo. Mas isso não significa que seja menos explorado. Pelo contrário, o operário da moderna empresa capitalista encontra-se mais submetido ao capital, muito mais "proletarianizado".

Demos vários exemplos do amplo processo de proletarianização que atravessa a sociedade capitalista. Em qualquer dos casos, ele tem os mesmos traços gerais. Por um lado, desintelectualização do trabalho manual, por outro, especialização do trabalho intelectual (de enquadramento eco-

(21) Livro III, vol. I, págs. 309-310, edição francesa.

nômico e social). De um lado, o crescimento das massas proletarizadas, do outro o aparecimento de um grupo intermediário entre os operários e os capitalistas e que representam os interesses do capital, servindo de **correia de transmissão da exploração capitalista**. Este grupo não se pode confundir:

- com a burguesia capitalista — pois não extrai diretamente a mais-valia dos operários, só partilha das migalhas do seu poder, não é ele que decide dos principais aspectos da acumulação.
- com o proletariado — pois a própria razão da sua existência é precisamente a proletarização das massas, a submissão crescente do proletariado ao capital.

Este grupo social que poderemos designar por semi-burguesia tem contradições com a burguesia capitalista, mas não assume a posição do proletariado: a destruição do capitalismo e da sociedade de classes em geral. Ela tende a ser cooptada pela burguesia privada (22). Pois como já vimos atrás, a única classe com interesses antagônicos com a burguesia é o proletariado.

O marxismo-leninismo defende que o proletariado é a **única classe "revolucionária até o fim"**.

Vejamos o que se quer dizer ao fazer-se esta afirmação.

Quer dizer-se que a classe operária não é a única classe revolucionária, pois num processo político podem existir várias classes com estas características, mas de todas elas a única que lutará até o fim, quer dizer, até à supressão de toda a exploração, é o proletariado.

(22) Este assunto será aprofundado na III Parte do Caderno, depois de estudarmos o conceito de posição social.

E por que o proletariado?

Em primeiro lugar, porque a forma de exploração a que está submetido o proletariado só pode ser eliminada se se suprimir a propriedade privada dos meios de produção, princípio último de toda a exploração. As classes exploradas de outros sistemas de produção podem libertar-se da exploração sem pôr necessariamente em causa a propriedade privada dos meios de produção, como é, por exemplo, o caso dos servos que, libertos das relações servis, se transformam em proprietários dos terrenos que antes lhes eram concedidos pelo senhor feudal como paga do seu trabalho. Por outro lado, no capitalismo, em que o processo de produção requer muitos trabalhadores que realizem tarefas específicas integradas num grande trabalho coletivo, a propriedade privada capitalista sobre os meios de produção apenas pode ser eliminada para dar lugar à propriedade coletiva desses meios de produção.

É evidente que os proletários de uma empresa têxtil, por exemplo, não podem pretender eliminar o padrão para dividir a fábrica entre si. O grande desenvolvimento do processo de produção torna necessário o trabalho coletivo e, portanto, a propriedade coletiva (23).

É por isso que a supressão definitiva da exploração do proletariado requer a eliminação de toda a propriedade privada sobre os meios de produção.

Dentro da sociedade capitalista, onde persistem, sob uma ou outra forma, relações de produção anteriores que dão origem às outras classes exploradas do sistema, o proletariado é a única que "nada tem a perder; salvo os seus grilhões", ao suprimir este regime e tem, pelo contrário, "um mundo a ganhar".

Em segundo lugar, devido à crescente concentração

(23) No CEP n. 6: **Capitalismo e Socialismo**, trataremos mais detalhadamente este ponto, esclarecendo que características deve assumir a propriedade dos meios de produção no socialismo.

de capitais, própria do sistema capitalista de produção, as indústrias tendem a concentrar num mesmo local um número crescente de trabalhadores e, ao mesmo tempo, as leis de mercado da força de trabalho tendem a deslocar uma grande quantidade de trabalhadores de um ponto ao outro do país em busca de novos empregos. Estes dois fatos estimulam a identificação dos proletários como única classe que tem interesses comuns e inimigos comuns que é necessário combater para atingirem a sua plena libertação.

Em terceiro lugar, atendendo às características do trabalho nas indústrias capitalistas, onde os proletários cumprem diferentes tarefas especializadas, formando cada uma delas um elo do trabalho coletivo que caracteriza este tipo de indústrias, criando em si hábitos de disciplina, solidariedade e espírito de organização que fazem desta classe a única capaz de dar a si própria uma organização adequada às tarefas revolucionárias que deve desempenhar.

Podemos concluir, então, que não são nem a "pobreza" nem o "sofrimento" nem a "injustiça" da sua condição as razões pelas quais o proletariado, é a única classe capaz de levar até o fim o processo revolucionário. São, pelo contrário, as condições objetivas da sua situação na produção que a levam a lutar contra a propriedade privada dos meios de produção impulsionando-a a organizar-se e unificar-se como classe, convertendo-a na vanguarda de todos os grupos da sociedade que, por diversas razões, entram em contradição com o regime capitalista de produção.

7. Interesse de classe, consciência de classe e posição de classe

Dissemos atrás que entre as classes fundamentais da sociedade capitalista — o proletariado e a burguesia — existem interesses antagônicos.

Poderemos considerar como interesse de classe o

conjunto das aspirações espontâneas de uma determinada classe social, como são, por exemplo, as aspirações dos operários a alcançarem um salário melhor, uma boa casa, possibilidade de ter férias, de mandar os filhos para a universidade, etc.

Por outro lado, uma greve que se limita a exprimir aspirações reivindicatórias sem nunca por em questão o sistema capitalista, poderá ser considerada como expressão dos interesses de classe do proletariado?

Para responder a esta pergunta devemos distinguir dois tipos de interesses. **Os interesses espontâneos imediatos e os interesses estratégicos a longo prazo.**

Os interesses espontâneos imediatos são as aspirações que manifestam as classes ou grupos sociais, motivados por problemas imediatos da sua existência. Têm em geral por objetivo obter um maior bem-estar imediato, uma melhor participação na repartição da riqueza social. Por exemplo, o interesse espontâneo imediato de um grupo de operários de baixos salários é conseguir um aumento que lhes possibilite fazer frente à alta do custo de vida. O interesse imediato de um grupo de camponeses é que se compre os seus produtos a preços convenientes. Em ambos os casos pretende-se atingir a solução do problema imediato, sem se tocar na sua causa profunda.

Daí que o proletariado, entregue aos seus interesses espontâneos imediatos, não consiga ir além de uma luta puramente reformista por melhores salários, mais horas de descanso, etc. — que sendo aspirações justas, não se podem transformar na meta final da luta de classe do proletariado, já que não atacam o próprio sistema de exploração que é a **verdadeira causa** contra a qual os operários devem lutar para ultrapassar a sua situação.

Portanto, os interesses espontâneos imediatos não podem ser considerados como os interesses finais da classe operária.

Que se entende, então, por interesse de classe?



Os interesses de classe ou interesses estratégicos a longo prazo são os que resultam da situação própria de cada classe na estrutura econômica da sociedade.

O interesse estratégico a longo prazo da classe dominante é **manter** o seu domínio; o da classe dominada é **destruir** o sistema de dominação. O interesse estratégico do proletariado é **destruir** o sistema de produção capitalista, origem da sua condição de explorado, destruindo a base em que assenta: a **propriedade privada dos meios de produção**.

Mas a identificação da classe operária com esses interesses a longo prazo não se faz de uma maneira espontânea. Só à medida em que a classe operária vai percebendo as leis fundamentais do funcionamento da sociedade capitalista e, conseqüentemente do papel que nela desempenha, se vai produzindo aquela identificação. É a teoria científica da sociedade, a teoria marxista-leninista que lhe faculta esse conhecimento. Fornece-lhe as armas que lhe permitem combater as idéias espontâneas e deformadas da sociedade que a classe dominante lhe tenta incutir, e perceber como classe, a necessidade de mudança radical em ordem à superação real da sua condição de explorada.

É, no entanto, necessário recordar que é a partir da luta pelos interesses imediatos que o proletariado avança, no sentido da tomada de consciência dos seus interesses finais de classe.

Lenin foi muito claro e categórico em relação a este ponto.

Para conduzir o proletariado na luta política contra os servidores do capital "é necessário ligar esta luta com determinados problemas da vida quotidiana... Pois se se escondem esses problemas atrás de reivindicações puramente políticas, entendidas apenas pelos intelectuais, não se estará andando de novo para trás, a limitar-se de novo unica-

mente à luta da intelectualidade, cuja importância acaba de ser examinada?" (24)

Portanto é necessário combater dois erros:

1.º — Considerar como **interesses últimos de classe** as aspirações espontâneas imediatas de uma classe.

2.º — Esquecer que é **necessário partir dos interesses imediatos** de uma classe para a fazer compreender os seus verdadeiros interesses de classe.

Quando uma classe está consciente dos seus interesses de classe, ou seja dos seus interesses estratégicos a longo prazo, dizemos que tem **CONSCIÊNCIA DE CLASSE**.

Nem sempre a classe operária possui consciência de classe. Nas primeiras etapas do movimento operário, os trabalhadores tendiam a reagir de uma forma isolada e espontânea. Na Europa, por exemplo, os operários reagiram contra o aumento da exploração, produzido pela introdução das máquinas na indústria, destruindo-as fisicamente, como se fossem elas a causa dos seus infortúnios. Reagiram também unindo-se em organismos de ajuda mútua para se socorrerem em caso de doença, acidentes de trabalho, etc.. Também tentaram, através destas organizações incipientes, melhorar as suas condições de trabalho e de vida. No entanto, todas estas lutas estavam apenas ligadas aos **interesses imediatos dos operários**; não tinham como objetivo a destruição das verdadeiras causas da sua exploração, embora tenha sido justamente a partir dos ensinamentos delas tiradas que a classe operária passou a formas superiores de luta.

Quando o movimento operário descobre as causas da sua exploração, **unindo a sua experiência de luta à teoria revolucionária de Karl Marx** que lhe mostra o papel que a

(24) Lenin: Quem são os "amigos do Povo" e como lutam contra os sociais-democratas?

classe operária desempenha na sociedade; quando se percebe de qual é a solução definitiva para os seus problemas: a destruição do sistema capitalista e sua substituição pelo socialismo, isto é, quando compreende quais são os seus verdadeiros interesses de classe, podemos dizer que o movimento operário adquiriu consciência de classe.

Se observarmos o movimento operário do nosso país verificamos que uma boa parte do proletariado possui pouca consciência de classe, que acredita que a sua luta deve ser apenas "sindicalista", "apolítica", que "não querem nada com a política", etc., sem compreender que estas idéias lhes foram inculcadas pela burguesia para evitar que lutem pelos seus verdadeiros interesses de classe.

É, portanto, extremamente importante distinguir entre o que é pertencer a uma classe e o que é possuir consciência de classe.

Finalmente precisemos um último conceito; o conceito de posição de classe.

Já vimos que nem todos os indivíduos de uma sociedade pertencem a uma das classes antagônicas; muitos constituem grupos sociais. Já vimos também como estes indivíduos tendem a adotar posições ou defender os interesses de alguma das classes em luta na dita sociedade.

Por outro lado, não basta pertencer a uma classe para se estar disposto a lutar pelos interesses dessa classe. Existem casos de burgueses que renegam a sua classe e passam a defender as posições do proletariado. Também há operários que traiçoeam a sua classe defendendo os interesses dos patrões.

Chamaremos POSIÇÃO DE CLASSE à "tomada de partido" por uma classe num determinado processo político.

Esta "tomada de partido" por uma classe determinada implica defender e lutar pelos interesses dessa classe;

adotar "o seu ponto de vista", "passar a militar nas suas fileiras", "representar os seus interesses".

Por último devemos salientar que a adoção das posições de classe do proletariado tende a ser facilitada, porque setores importantes da população têm ou tiveram laços muito estreitos com essa classe; ou porque muitos deles (como por exemplo os pequenos funcionários públicos, os empregados dos serviços sociais ou pessoais, os quadros médios da produção, a pequena burguesia, etc.) são familiares dos operários, quer porque não afastam a perspectiva futura de virem a trabalhar numa fábrica, ou porque nos seus rendimentos e condições de vida não se distinguem muito dos operários.

Por outro lado, à medida que cada vez mais grupos da sociedade começam a sentir na sua própria carne as contradições do sistema capitalista de produção, à medida que, a nível internacional, os povos através das suas vanguardas proletárias conseguem alcançar novas vitórias no sentido da sua liberdade definitiva, cada vez mais amplos setores do povo se sentem atraídos para as posições de classe do proletariado.

RESUMO DO TEXTO

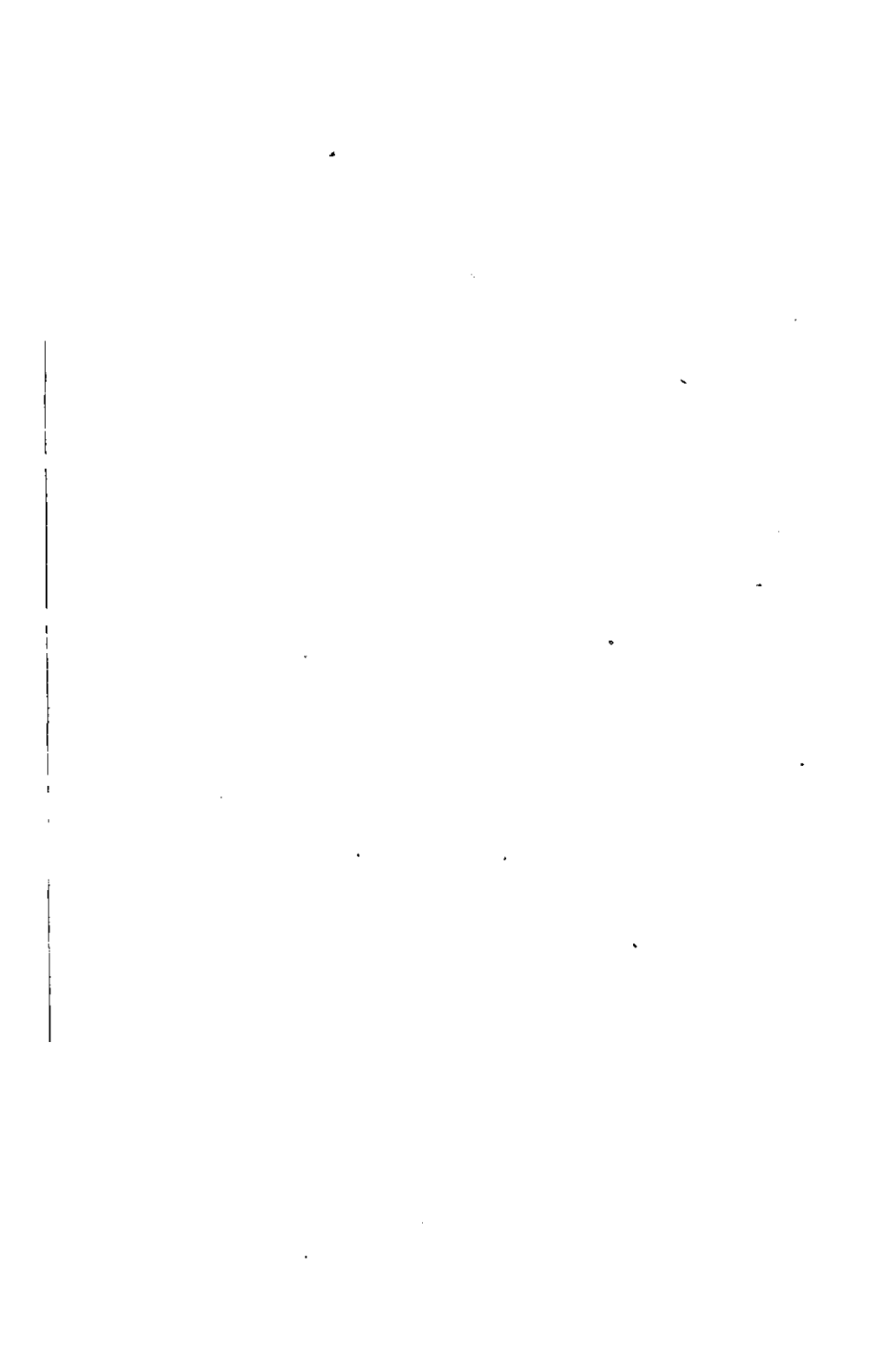
Neste caderno analisamos o conceito de classes sociais. Vimos como a definição de classes sociais está ligada ao conceito de relações de produção. É o lugar que os indivíduos ocupam no processo de produção, e não o seu nível de rendimentos que determina o lugar que ocupam na sociedade.

Em seguida, examinamos as classes fundamentais da sociedade capitalista: o proletariado e a burguesia. Depois estudamos a pequena burguesia, definindo-a como uma classe de transição ligada ao sistema capitalista.

Distinguimos classes sociais e grupos sociais. Reunindo todos estes conceitos fizemos uma breve crítica à noção de "classe média".

Por fim, definimos o que se deve entender por interesse de classe, consciência de classe e posição de classe.

Antes de acabar este resumo queremos frisar novamente que este caderno é incompleto. Vejamos porquê. Por um lado, as classes sociais não podem ser estudadas sem analisar ao mesmo tempo a luta de classes — que é a forma como as classes atuam no dia a dia. Por outro lado este estudo teórico não tem muito sentido se não permite chegar a uma análise concreta das classes sociais e dos grupos sociais no Brasil e das posições que estes grupos da sociedade adotem na luta que se trava no nosso país. Veremos as possibilidades e oportunidade para desenvolvermos estes 2 assuntos em outro volume.



QUESTIONÁRIO

1. Como se explica que numa determinada sociedade um grupo social possa explorar outro?
2. Que se entende por relações sociais de produção?
3. Que se entende por classes sociais?
4. Em que se baseia esta definição?
5. Como é que a burguesia classifica as classes sociais?
6. Podemos definir as classes sociais segundo o nível de rendimentos?
7. Por que razão quando se estudam as classes sociais não é suficiente falar de exploradores e explorados?
8. Que se entende por capital?
9. Uma máquina qualquer é capital?
10. No sistema capitalista todas as pessoas que vendem força de trabalho produzem mais-valia?
11. Que se entende por realização da mais-valia?
12. Quais são as frações da burguesia na fase concorrencial do sistema capitalista?

13. Quais são as novas contradições que surgem na classe capitalista na época do capitalismo monopolista?
14. Como se define a burguesia ou classe capitalista?
15. Todos os assalariados fazem parte do proletariado?
16. O proletariado é formado por todos os trabalhadores que produzem mais-valia?
17. Por que é importante distinguir proletariado produtivo de proletariado improdutivo?
18. Qual é a definição de proletariado?
19. Como surge a pequena burguesia?
20. Chama-se pequena burguesia a qualquer produtor independente?
21. Como se define pequena burguesia?
22. Toda a população de uma determinada sociedade deve ser classificada numa das classes sociais?
23. Que se entende por grupo social?
24. Por que é importante distinguir as classes sociais dos grupos sociais?
25. Por que é que o conceito de "classe média" é crítico?
26. Um encarregado de uma fábrica faz parte do proletariado? Como podemos classificá-lo?
27. Por que razão se diz que o proletariado é a única classe revolucionária até o fim?

28. Que se entende por interesse espontâneo imediato?
29. Que se entende por interesses finais de classe?
30. Que se entende por consciência de classe?
31. Que se entende por posição de classe?
32. Um operário tem sempre consciência de classe?
33. Pode um membro da burguesia defender os interesses do proletariado?

BIBLIOGRAFIA

I TEXTOS PEDAGÓGICOS

HARNECKER, MARTA: Conceitos Elementares do Materialismo Histórico.

II TEXTOS CLÁSSICOS

MARX, Karl: Carta a Weydemeyer, de 5 de Março de 1852. Ouvres Choiesies. Tomo I – Editions Sociales.

LENIN: Uma Grande Iniciativa. Ouvres Choiesies. Éditions Sociales.

MAO TSÉ-TUNG: Análise das Classes na Sociedade Chinesa. Obras Escolhidas, Tomo I, pág. 1. Edições de Pequim.

MAO TSÉ-TUNG: A Revolução Chinesa e o Partido Comunista da China. Obras Escolhidas, Tomo II, pág. 493.

MARX, Karl: Le Capital. Livro III, cap. LII. "Les classes sociales". Éditions Sociales.

MARX, Karl: A luta de Classes em França (1848-1850). Edição Nosso Tempo. Coimbra.

MARX, Karl: O Dezoito de Brumário de Luis Bonaparte. Edição Nosso Tempo. Coimbra.

Nota: Para se poder ter uma idéia correta dos conceitos de proletariado e burguesia é necessário estudar os três livros de O CAPITAL. É isto que explica que o capítulo sobre as classes sociais (que ficou por acabar) apareça no fim do Livro III de O CAPITAL.

As revoluções sociais não são feitas pelos indivíduos, pelos "grandes personagens", por mais brilhantes ou heróicos que sejam. As revoluções sociais são feitas pelas massas populares. Sem a participação das grandes massas não há revolução. É por isso que uma das tarefas mais urgentes neste momento é que os trabalhadores se eduquem, elevem o seu nível de consciência, se capacitem para responder às suas responsabilidades.

Esta série de Cadernos de Educação Popular (CEP) propõe-se exatamente fornecer, sob uma forma acessível e ao mesmo tempo rigorosa, os instrumentos teóricos mais importantes para compreendermos o processo de modificação social e podermos delinear as características de uma nova sociedade.

Os sete primeiros títulos desta série são os seguintes:

- 1 — Explorados e Exploradores
- 2 — Exploração Capitalista
- 3 — Monopólios e Miséria
- 4 — Luta de Classes
- 5 — Imperialismo e Dependência
- 6 — Capitalismo e Socialismo
- 7 — Socialismo e Comunismo

Destes cadernos venderam-se centenas de milhares senão mais de meio milhão na América Latina.

Talvez se trate da melhor obra existente de educação política popular.



global editora